



II Simpósio Internacional

de Ourivesaria,
Joalheria e Design

Aspectos Simbólicos dos Artefatos Incas

Symbolic Aspects of Inca Artifacts

LUCIO BERREHIL EL KATTEL, Cristina do Carmo; Doutora; Universidade Estadual de Maringá

cclucio@uem.br

SORIAN, Andressa Eduarda; Bacharel em Design

andressa98.e.s@hotmail.com

Palavras chave: Inca, Peru, Iconografia.

Essa pesquisa analisou os aspectos culturais e simbólicos da civilização Inca e das que a influenciaram. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza histórica, cujo objetivo foi elencar os adornos corporais de grande significado para os incas. Para tanto, foram consultadas bases científicas e bibliotecas especializadas, bem como outras fontes que contribuíssem para o alcance de informações. Foi possível notar que os ornamentos eram utilizados como uma forma de expor a posição do usuário na sociedade, utilizando para tanto materiais nobres e formas carregadas de significados, em sua maioria ligados às questões religiosas locais. Quanto aos materiais utilizados, os mais importantes eram o ouro e a prata, cujos significados eram, respectivamente, o sol e a lua, o dia e a noite, a direita e a esquerda e o masculino e o feminino. Quanto aos adornos, os de maior destaque encontrados foram os braceletes, os orejones (alargadores), os ornamentos de nariz e a Chakana (cruz andina).

Keywords: Incas, Peru, Iconography.

This research analyzed the cultural and symbolic aspects of the Inca civilization and those that influenced it. It is a descriptive and historical research, with the purpose of listing the body adornments of great significance for the Incas. For this, scientific bases and specialized libraries were consulted, as well as other sources that contribute to the information. It was possible to perceive that the ornaments were used as a way of exposing the user position in the society, using for that reason noble materials and forms with great significance, mostly linked to the local religious questions. About materials used by incas, the most important were gold and silver, whose meanings were, respectively, the sun and the moon, the day and the night, the right and the left, and the masculine and the feminine. About the adornments, the most prominent ones found were the bracelets, the orejones (reamers), the nose ornaments and the Chakana (andean cross).

1 Introdução

A civilização Inca, cuja administração política e econômica localizava-se em Cusco do atual Peru, apresenta indícios de que tenha surgido por volta de 1200 d.C. (Agurto Calvo, 1980; Malpass, 2009), embora a data de início desta civilização não seja consenso, tendo visto que não possuíam escrita. O inca Garcilaso de la Vega, que nasceu e passou sua infância junto aos incas, descreveu em seu livro, intitulado “*Comentarios Reales de los Incas*” de 1609, que ouviu muitas fábulas e alegorias sobre como se deu o início dessa civilização, algumas inclusive mescladas com a religião cristã dos conquistadores espanhóis, de modo que não há como informar com precisão sua origem.

Seu apogeu foi no século XV, quando apresentou sua expansão geográfica e cultural, reunindo mais de 12 milhões de pessoas, que falavam aproximadamente vinte línguas. Quando os

espanhóis desembarcaram no litoral peruano, por volta de 1532 d.C., o controle político e econômico inca abrangia dos planaltos andinos da Colômbia, moderno Equador, Bolívia e Peru, até regiões do Chile e da atual Argentina, das costas do Pacífico à floresta amazônica, cobrindo quase 5 mil quilômetros de extensão (Oliveira, 2006; Covey, 2003). Sua queda ocorreu em 1533 d.C. pela subjugação espanhola, um período conhecido como Inca Colonial (Agurto Calvo, 1980), que foi de 1533 d.C. a 1572 d.C.

A cultura Inca foi de grande importância no âmbito cultural, produzindo grandes feitos e produtos que foram para a época um grande avanço, como a construção de casas nos altos dos montes, ornamentação em todas as casas, obras de arte como flores, folhas, estrelas e meias-luas de ouro como símbolos, paredes de pedra revestidas com tecidos, redes penduradas entre armações de madeira, criação de um hospital para os enfermos, entre outros (Sass, 1999). Além disso, cobriam os pisos com placas de pedra e, sobre essas, estendiam tapetes de peles de coelhos e de ovelhas. Apesar dos meios rudimentares de produção dos ourives e artesãos, os artefatos encontrados apresentam grande detalhamento, carregados de elementos estéticos e simbólicos, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1: Artefatos Incas em Ouro e Prata



Da esquerda para a direita: taça em prata adornado com felino sagrado para ritual; lhama; homem com grandes orifícios nos lóbulos das orelhas; mulher com um maço de coca em sua bochecha esquerda. Fonte: National Geographic (2011).

Culturas anteriores, do período pré-incaico, consideradas sociedades complexas e denominadas “altas culturas”, influenciaram as iconografias incas (Barcelos, 1997), conforme disposto na Tabela 1.

Tabela 1: Civilizações andinas do período pré-incaico ao inca

Cultura	Período
Chavín	1ª Integração Regional (aprox. 1200 a.C. a 100 a.C.)
Paracas-Nazca	1º Período Intermediário (aprox. 100 a.C. a 800 d.C.)
Moche (aprox. 100 d.C. a 750/800 d.C.), seg. Turner <i>et al.</i> (2013)	
Lambayeque (aprox. séc. VIII a 1100 d.C.)	2ª Integração Regional (aprox. 800 d.C. a 1200 d.C.)
Tiahuanaco (aprox 800 d.C. a 1200 d.C.)	
Chimu (aprox. 1375 d.C. a 1470 d.C.)	2º Período Intermediário (aprox. 1200 d.C. a 1400 d.C.)
Chanay	
Incas	3ª Integração Regional (aprox. 1400 a.C. a 1530 d.C.)

Fonte: baseado em Barcelos (1997).

A Chavín, embora antiga, influenciou os padrões estilísticos seguintes. A cultura mochica teria entrado em declínio quando a Lambayeque expandiu seu estilo sobre as regiões vizinhas (Barcelos, 1997), embora especula-se que ocorrências relacionadas ao fenômeno climático El Niño tenham contribuído para o desaparecimento dos moches.

Próximo ao sítio arqueológico Chavín de Huántar, foram descobertas ruínas de templos e sepulturas, onde se encontravam joias de prata e ouro que eram artisticamente trabalhadas (Sass, 1999). No centro da região costeira do Peru, perto de Moche, que surge daí o nome cultura mochica, descobriram-se ruínas e restos de um aqueduto de pedra elevado, revelando igualmente o alto grau de desenvolvimento de um povo que ali habitou em tempos remotos. A Figura 2 é um exemplo de joia da cultura Moche, que desapareceu mais de quatro séculos antes do surgimento dos incas.

Figura 2: Joia da Cultura Moche



Peitoral mochica em ouro e milhares de contas de turquesa, malaquita ou crisocola, pesando 504 gramas e dimensões de 52 x 21 cm. Fonte: Museo Larco (2010).

Referente ao período incaico, foram encontrados diversos objetos confeccionados em ouro, de canecas e travessas, a adornos corporais, muitos decorados com figuras zoomórficas, antropomórficas e fitomórficas. O ouro era muito utilizado nessa cultura, pois significava para eles beleza, contentamento e adorno. Segundo Sass (1999), a contemplação do ouro provocava um tipo de iluminação criativa para confecção de seus artefatos. Criaram obras de arte raras e com grande detalhamento e significado.

Além do ouro e da prata, outros materiais também eram utilizados, como o cobre, o tumbago (uma liga fundida de cobre e ouro), a cerâmica, as conchas marinhas, a jade, a turquesa, a obsidiana e pequenas quantidades de lápis-lazuli (Skoda, 2012). Os adornos e artefatos eram utilizados pelos incas em diversas ocasiões. Artefatos em cerâmica, baixelas em prata e joias, por exemplo, eram ofertadas aos doentes (Sass, 1999), além de outros produtos, como mantimentos e corantes.

Apesar de seu notório desenvolvimento cultural, os Incas não possuíam escrita, o que dificulta o acesso à verdade sobre sua história. O que se sabe desse povo, além das descobertas arqueológicas, e do livro publicado no início do século XVII pelo inca Garcilaso de la Vega (filho de pai espanhol e mãe inca), foi parte pelos relatos transmitidos pelos espanhóis, mas que muitas das vezes se contradizem. É preciso considerar que a análise baseada em relatos de um cronista estrangeiro está subjugada à interpretação pessoal e cultural deste e, portanto, pode não condizer com a realidade. As crônicas incas provenientes dos espanhóis, segundo Oliveira (2006), são consideradas eurocêntricas, androcêntricas e colonialistas, além de terem forte influência da religião confessada por eles. O próprio livro do inca Garcilaso de la Vega foi submetido à Santa Inquisição para sua publicação, de modo que não se pode afirmar com

certeza que o texto original não tenha sofrido interferência da Igreja.

Há literatura histórica sobre o império inca, porém as informações sobre seus artefatos e de culturas que os influenciaram e a importância desses são dispersas, de forma que não foram encontrados reunidos em um único local imagens com sua respectiva significação cultural.

Desse modo, o objetivo deste trabalho foi elencar os adornos corporais de elevado valor simbólico para os incas, com descrição de seu significado, ampliando o acervo imagético descritivo dessa civilização. Para tanto, foram mapeados os principais artefatos pré-incaicos que os influenciaram, bem como os incaicos, o que foi possível a partir de estudo aprofundado da literatura acerca de suas cerimônias e costumes, e da análise das formas e materiais empregados, especificamente dos adornos corporais.

2 Metodologia do Estudo

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza histórica, cujos procedimentos técnicos foram a análise documental e bibliográfica, desenvolvida a partir de buscas na literatura científica e documentários desenvolvidos.

Para a busca científica, foram consultadas as principais bases, como Science Direct, Periódicos Capes e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, além do Google Scholar. A busca por livros, artigos e revistas não científicas e documentários foi realizada em sites específicos e em bibliotecas locais, além de sites de museus e bibliotecas sobre a cultura Inca e demais arquivos e informações de fontes idôneas que contribuíssem com a temática. As pesquisas foram efetuadas nos idiomas português, espanhol e inglês.

Para além, foram realizadas inúmeras tentativas de contato por email e redes sociais de bibliotecas e museus especializados, como a Biblioteca Municipal de Cusco, a Biblioteca Nacional do Peru, o Museo Histórico Regional de Cusco, o Museo Inka Unsaac da cidade de Cusco, o Museo Inka pertencente à Universidad Nacional de San Antonio Abad del Cusco (Unsaac), entre outros, na expectativa de obtenção de informações e imagens. Os contatos foram feitos em português, espanhol e inglês, para evitar qualquer problema de interpretação devido a diferença de idioma entre os países, porém não se obteve nenhum tipo de resposta ao e-mail ou às mensagens via rede social. Deste modo, foram feitas visitas virtuais aos museus que a permitem, possibilitando conhecer suas obras.

A exposição das informações iniciará pela breve contextualização histórica do Império Inca para, então, dispor os principais ornamentos corporais e sua significação.

3 O Império Inca

A cultura e os costumes da civilização inca são influenciadas por diversas culturas anteriores, as quais foram sendo incluídas dentro do Império ao longo dos anos e das dominações, formando assim uma grande colcha de retalhos repleta de elementos da cultura andina (Favre, 1987).

Assim como em outras culturas, o Sol representava a divindade suprema e o imperador inca era considerado sua representação na terra, o qual deveria ser aceito por todas as tribos como rei divino (Marangon, 2007) e havia um templo para seu culto. Havia inclusive grupos formados por “mulheres escolhidas”, chamadas de *aqlla*, que se dedicavam exclusivamente ao culto do deus Sol. As “virgens do Sol”, como eram chamadas, viviam enclausuradas em mosteiros sem possibilidade de contato com homens ou mesmo com mulheres que não fossem a rainha ou suas filhas, e, dentre suas atividades, estavam a tecelagem da lã, obtida dos rebanhos destinados à divindade Solar (Favre, 1987), e a produção da chicha (cerveja de milho), uma bebida sagrada produzida a partir da fermentação do milho (Oliveira, 2006; Covey, 2003). Possuíam garantia eterna de sua virgindade, a ponto de nem mesmo o imperador utilizar de seu poder para vê-las ou sequer falar com elas (Garcilaso De La Vega, 1609).

As aldeias eram compostas por *ayllus*, agrupamentos sociais constituídos por famílias unidas por parentesco, onde o sistema de descendência se dava de forma paralela, ou seja, o homem descendia de forma direta de seu pai e a mulher de forma direta de sua mãe (Favre, 1987;

Figueiredo, 2014). Cada *ayllu* reconhecia o fundador do grupo como *Kuraka*, ou chefe, responsável por distribuir terras, tarefas e resolver conflitos. Essa chefe se sustentava em seu ancestral divinizado, *waka*, o qual residia em uma montanha sagrada e possuía um local para ser cultuado de modo a garantir um bom resultado nos campos (Favre, 1987).

O *kuraka* e o *waka* não distribuíam toda a produção, se beneficiando de sua posição elevada, diferenciando-se, assim como os demais líderes, do restante da população, vivendo rodeados de ricos ornamentos, finas vestimentas e consumindo os melhores alimentos (Favre, 1987).

As tarefas eram divididas dentro da família, de forma que a mulher fosse responsável por cuidar da moradia e o homem pelas tarefas do campo e artesanais, como a cerâmica e a tecelagem. Cada família possuía um tapu, área de terra suficiente para o sustento da família, cujo tamanho correspondia à quantidade de familiares (Favre, 1987), além de terras destinadas ao pastoreio, onde se domesticava a lhama e a alpaca, animais que forneciam lã para a fabricação têxtil, transporte e carne (Regert et al., 2016).

Não possuíam um sistema econômico e sua relação social não se dava por moeda, mas por meio de trocas, muitas vezes de objetos. Os incas utilizavam a tradição preexistente de reciprocidade e o simbolismo de uma relação mutuamente benéfica entre Estado e indivíduo para incentivar a participação na nova ordem política e econômica sob a rege do império (Zori et al., 2013).

Todo o Peru, à época dos Incas, era rico em materiais nobres, como ouro, prata, pedras preciosas e pérolas, com destaque para o ouro, que era encontrado na superfície da terra e nos córregos, desde pequenos grãos, chamados de pó pelos espanhóis, a pepitas do tamanho de sementes de melão e abóbora e até do tamanho de ovos, que, de tão abundantes, eram levados pelas enxurradas (Garcilaso De La Vega, 1609). A prata, embora abundante, já era mais difícil de ser extraída, beneficiada e mesmo purificada.

As principais pedras no tempo dos Reis Incas no Peru eram a turquesa, a esmeralda e os cristais. Havia também abundância de pérolas, porém era proibido extraí-las pelo risco humano da tarefa (Garcilaso De La Vega, 1609), o que possivelmente se justificava pela geografia da região.

Possuíam técnicas próprias para trabalhar ouro, prata, platina, cobre e latão, bem como suas ligas, sendo as mais usuais as junções de ouro e cobre, ouro e prata, cobre e estanho, cobre e prata ou misturas de cobre, ouro e prata em diversas proporções (Favre, 1987). A técnica da cera perdida, muito conhecida no Velho Mundo, era o processo mais utilizado na fabricação das peças, em sua maioria produções em metais com incrustações de pedras ou trabalhadas com ácido natural, a fim de obter uma cor mais escura ou um brilho mais intenso.

Com base nos ornamentos e artefatos encontrados nas regiões andinas, é possível conhecer a forma como se comportavam, sua formação, sua organização sociopolítica, costumes e aspectos culturais, refletidos em seus objetos e ricos adornos corporais, tendo sido escolhidos alguns com grande carga simbólica para exposição neste trabalho.

4 Idolatria e Significado dos Elementos

O principal elemento de idolatria dos incas, e que era ensinado a seus vassallos, ainda que tivessem muitos sacrifícios e superstições, era o Sol, ao qual adoravam por suas excelências e benefícios naturais, e para o qual criaram templos de adoração de grande riqueza (Garcilaso De La Vega, 1609). Segundo relato do inca, embora tivessem a Lua como irmã e esposa do Sol, e mãe dos incas, não a adoravam como uma deusa ou ofereciam sacrifícios, ou construíam templos para ela, apenas a mantinham em grande veneração como mãe universal. Já o raio, o trovão e o relâmpago, tidos como servos do Sol, não eram considerados deuses, pelo contrário, abominavam a casa ou qualquer lugar onde caíssem.

Significado dos Materiais

Muito antes dos incas, na cultura moche, o ouro fora um dos materiais mais utilizados na fabricação de ornamentos, pois além de ser apreciado por sua beleza e simbolismo, se

mostrava um material imutável, transmitindo a ideia de eternidade devido a sua resistência a oxidação, e por estar ligado a figura do deus Sol (NGA, 2014a).

Havia também ornamentos produzidos em combinações de ouro e prata (Figura 3) que representavam os elementos dualistas do universo, como masculino e feminino, sol e lua, dia e noite e direita e esquerda, sendo o ouro geralmente associado ao sol, ao dia, à direita e ao masculino, e a prata associada à lua, à noite, à esquerda e ao feminino, conforme esquema ao lado da figura. Ornamentos destes materiais também eram muito utilizados em crenças religiosas, devido ao grande simbolismo que carregam dentro da cultura moche (NGA, 2014a).

Figura 3: Ornamento de Nariz



Ornamento mochica feito em ouro e prata. Fonte: Museo Larco (c2010).

Para os incas, o ouro e a prata eram também muito valorizados por seu valor estético e simbólico, sendo intensamente empregados. Havia inclusive o Templo do Ouro (Ogburn, 2004), juntamente com a *Aqllahwasi*, como era chamado o claustro das “Virgens do Sol”, em um bairro conhecido como Coricancha, que significa “bairro de ouro, prata e pedras preciosas” (Garcilaso De La Vega, 1609), situado em Cusco. Mas, por estarem presentes em grande quantidade e não serem utilizados para pagamentos de qualquer ordem (nem para comprar comida ou coisas necessárias à vida), segundo o inca, esses materiais eram vistos como supérfluos. O ouro era estimado por sua beleza e esplendor, e utilizado em oferendas ou para decoração e serviços das casas reais, dos templos do Sol e das casas das virgens, além de ser utilizado para presentear.

Em todas as casas reais incas havia jardins com árvores, plantas e animais em ouro e prata e afirma que em praticamente todas as casas do reino dispunham de utensílios domésticos e banheiros com grandes jarras de água e até tubulações, por onde chegava a água, confeccionadas em ouro e prata (Garcilaso De La Vega, 1609).

As províncias de Los Cañaris e Tumipampa, desprovidas de recursos de toda ordem, ao serem conquistadas pelos incas, foram enobrecidas com edificações, casas reais e até um templo do Sol, cujos aposentos eram estampados com ervas, plantas e animais de ouro e prata; as portas eram banhadas a ouro e pedras, como esmeraldas e turquesas (Garcilaso De La Vega, 1609).

Além destes, outros materiais como conchas e pedras foram utilizadas para ornamentar e também dar cor aos artefatos, geralmente turquesa, sodalita, quartzo, pirita, *spondylus*, jade, obsidiana, lápis-lazuli e madrepérola (NGA, 2014a).

O molusco marinho *spondylus*, devido à sua coloração intensa alaranjada e púrpura, era trabalhado e muito utilizado como oferenda em rituais religiosos (Faulbaum, 2011), conforme pode ser observado na Figura 4, e acreditava-se que possuía o poder de aproximar e permitir a comunhão entre os humanos e os deuses, segundo Arango (2017). Segundo esse autor, essa

relação revela a existência de dois mundos, o terreno e o divino, que dependem um do outro para existir, sendo complementares.

Figura 4: Lhamas em *Spondylus*



Fonte: Faulbaum (2011).

Uma estatueta confeccionada em *spondylus* de 4,2 cm de altura foi encontrada em uma sepultura proveniente de sacrifício de infante, juntamente com uma figura masculina, em liga de ouro e prata de 6 cm de altura, e 2 estatuetas femininas, sendo uma em prata laminada e soldada com 10 cm de altura e vestida com tecido e detalhes em prata e *spondylus* e um cocar de penas vermelhas e amarelas e papagaios, e outra, menor, em *spondylus*, vestida de modo semelhante à outra (Faulbaum, 2011). Segundo considerações do autor, estas estatuetas femininas com decorações específicas de seu gênero reforçam a teoria de que a oferenda era de culto às águas.

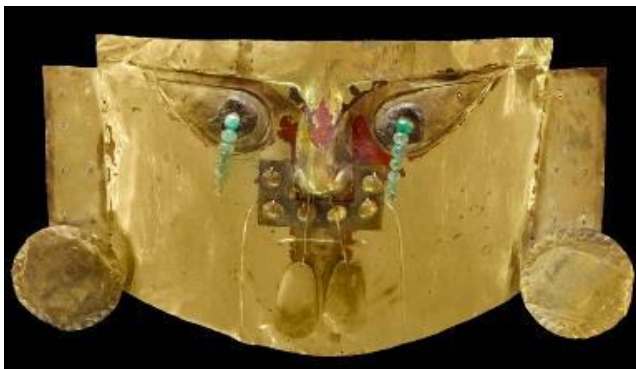
A partir desta breve explicação do significado do ouro e da prata, e sua ornamentação com pedras e outros materiais, serão apresentados os significados e a contextualização de alguns objetos, especialmente os utilizados como adereço pessoal.

Figuras Zoomorfas e Antropomorfas

Nas culturas pré-incaicas, aves, felinos e répteis eram os principais elementos de divinização (Barcelos, 1997), e foram a base da mitologia incaica. O autor estudou aspectos iconográficos e simbólicos destas culturas e afirma que as que sucederam Chavin, a mais antiga, deram continuidade ao seu estilo, com reinterpretações e remodelações específicas de cada uma. Primeiramente Moche e Nazca, depois Tiahuanaco e Chimu, alguns tipos de arte deram lugar a desenvolvimentos regionais de maior complexidade e variedade, sem eliminar as influências do período anterior, sobretudo da ampla cultura material e mitológica de Chavín (Barcelos, 1997).

Algumas divindades foram identificadas em diferentes culturas pré-incaicas em um espaço de cerca de mil anos, sendo as mais importantes em termos de continuidade da forma de representar, apenas com traços regionais (Barcelos, 1997): as com “boca atigrada”, os “guerreiros alados” ou “anjos atigrados”, as divindades ornitomorfos e as figuras que vertem lágrimas, como exposto na Figura 5.

Figura 5: Figura vertendo lágrimas



Máscara de ouro com lágrimas de esmeralda. Cultura Lambayeque. Fonte: MOdP (c2018a).

O artefato antropomorfo Tumi (Figura 6) era um instrumento cerimonial, semelhante a uma faca, com uma alça retangular ou trapezoidal e acredita-se que poderia ser usada para a realização de cirurgias cranianas, para decapitação de prisioneiros de guerra ou em sacrifícios humanos (Galán-Rodas et al., 2012). Entretanto, outro estudo traz uma análise do objeto que permite outra significação para o mesmo (Horz; Kallfass, 1998). Segundo estes, a aresta de corte não é afiada, indicando que o tumi não era para uso como faca, mas sim como objeto ornamental que poderia ter sido usado na cintura. A primeira tumi foi datada entre 700 e 1300 d.C. (Galán-Rodas et al., 2012).

Figura 6: Faca Tumi



Faca cerimonial confeccionada em liga de cobre e prata (por vezes de cobre, ouro e prata) e incrustações em turquesas. Fonte: MOdP (c2018b).

Pequenas estatuetas de ouro em forma de lhama (Figura 7) costumavam ser colocadas juntamente com cada nobre em seu túmulo. O motivo para terem enterradas estatuetas de lhamas machos junto aos mortos seria o fato delas terem lhes fornecido carne, fibra, transporte e riqueza durante a vida, bens que ainda lhes seriam necessários após a morte (NGA, 2014b).

Figura 7: Lhama de ouro



Pequena representação de lhama em ouro. Fonte: MOdP (c2018c).

Devido ao fato dos incas acreditarem que possuiriam vida eterna após a morte, era comum que seus mortos fossem enterrados junto a bens e objetos que acreditavam ser úteis ou que representassem aspectos de grande utilidade em vida. Dentre os artefatos, estavam pequenas figuras de homens e mulheres (Figura 8) que lhes fariam companhia em sua vida eterna (NGA, 2014a). Estas estátuas eram feitas em ouro, pois ao contrário de outros materiais, o ouro permanecia o mesmo com o passar do tempo, o que representava o imperador inca, representante do Sol na Terra. Para sua composição, eram utilizadas folhas de ouro unidas através de soldas para formar tubos que depois de unidos iriam compor o corpo (NGA, 2014a).

Figura 8: Estatuetas antropomorfas masculina e feminina



Figuras antropomorfas representando o masculino e o feminino, em ouro. Fonte: MOdP (c2018d).

5 Significado dos adornos corporais

A partir do entendimento dos valores simbólicos dos materiais e principais elementos para os incas, serão apresentados nesse capítulo os adornos corporais largamente utilizados devido ao significado a eles atribuído, a saber: braceletes, *orejones* (alargadores de orelha), ornamentos de nariz e a Chakana (cruz andina).

Conforme exposto, os incas absorveram os aspectos iconográficos e simbólicos das culturas que os antecederam, o que explica e até justifica o fato de certas imagens expostas a seguir não serem originárias de sua cultura. Outra explicação é a dificuldade em encontrar imagens e descrições confiáveis sobre adornos corporais exclusivamente incas. O que é encontrado, muitas vezes, é associado às culturas contemporâneas a eles.

Braceletes

Adornos corporais como pulseiras e braceletes de ouro (Figura 9) poderiam ser utilizados apenas pela elite como símbolo de destaque na sociedade e poder associado ao Sol, sendo feitos para serem usados em cerimônias, simbolizar diferenças de posição social e fazer parte dos bens que seriam enterrados juntos aos nobres em seus túmulos. Adornos corporais no geral eram feitos de ouro de acordo com o poder de seu portador, podendo ter variações de acordo com aspectos culturais e geográficos, porém todos os mortos eram acompanhados por bens de sepultura após sua morte (NGA, 2014d; Favre, 1987).

Figura 9: Braceletes incas



Braceletes produzidos em ouro possuindo variações de tamanho. Fonte: NGA (2014d).

As pulseiras apresentadas na Figura 9 possuem pequenas variações de tamanho entre si, sendo assim não correspondem a um par, se comparadas em todos os aspectos e detalhes. Essas variações, entretanto, eram comuns, já que a técnica geralmente utilizada consistia em duplicações, dificultando que as peças ficassem iguais. Estas peças provavelmente fizeram parte de um conjunto de joias enterrado junto à um nobre em seu túmulo, como símbolo de poder e representação de sua imutabilidade após a morte (NGA, 2014d).

Orejones

Os *orejones*, ou alargadores de orelhas, eram utilizados apenas por nobres como símbolo de sua posição social. Este adorno era obtido no momento em que os jovens incas passavam por um dos ritos mais importantes, o *warachikuy*, rito que marcava o fim da adolescência (Favre, 1987; Museo Larco, c2010c, c2010d; NGA, 2014a).

Durante o rito, os jovens recebiam vestes de homem e armas, e tinham o lobo auricular perfurado por uma agulha de ouro que mais tarde era substituída por um pedaço de madeira mais grossa, a fim de distender o lóbulo da orelha para a utilização dos ornamentos; quanto maior fosse a distensão, maior seria o grau do indivíduo perante a sociedade (Favre, 1987; NGA, 2014a).

Os ornamentos eram compostos por um plugue feito geralmente em madeira ou tubos ocos de ouro, e comumente possuíam discos circulares decorados na parte frontal, sendo essas decorações feitas com diversos materiais, como turquesas, quartzo, madrepérola ou concha, entre outros utilizados com o fim de acrescentar cores às peças (NGA, 2014a). Destacam-se as representações de losangos, espirais, iguanas e aves bélicas nos alargadores, e alguns também foram finamente decorados com cenas de combate cerimonial (Museo Larco, c2010c, c2010d). Serão expostos dois exemplos de *orejones* a seguir.

Um dos pares apresentado neste trabalho (Figura 10) representa uma ave guerreira. Os alargadores foram um dos ornamentos mais significativos para distinguir as pessoas com poder nos Andes (Museo Larco, c2010c, c2010d). Alguns desses alargadores eram tão pesados e grandes que, para mantê-los no lugar, eram sustentados com faixas amarradas à cabeça. Neste exemplar mochica, é possível observar o expressivo trabalho de mosaicos com pedras

preciosas e ouro.

Figura 10: *Orejones* representando ave guerreira



Alargador circular em ouro, turquesa, lapiz lázuli e casca de *spondylus*, pesando 109 gramas e dimensões de 100x99x100 mm. Cultura Mochica. Fonte: Museo Larco (c2010d).

O segundo par (Figura 11) é ornamentado com 8 iguanas, sendo 4 de ouro e 4 de turquesa feitos em ouro, pedras azuis e concha. Os animais feitos em ouro foram colocados em cunhas de pedra azul e possuem os olhos também em azul; os animais feitos em pedra azul foram colocados em cunhas de concha e possuem o olho feito em ouro. As cunhas foram dispostas em forma circular, preenchendo a parte frontal do ornamento (NGA, 2014c).

Figura 11: *Orejones* representando iguanas



Alargador circular em ouro, gemas (turquesa ou malaquita) e casca de *spondylus*, pesando 51 gramas e dimensões de 76x82x76 mm. Cultura Mochica. Fonte: Museo Larco (c2010c).

Ornamentos de Nariz

Os ornamentos de nariz eram utilizados tanto por homens como por mulheres e uma grande quantidade deste tipo de ornamento foi encontrado em túmulos de líderes políticos e religiosos. Quem as usava demonstrava sua posição social e carregava a crença de serem transformados em seres sobrenaturais (Museo Larco, c2010a, c2010b).

Os adornos eram utilizados pendurados no septo nasal por uma seção semicircular. Podiam ser simples ou bem elaborados, e alguns carregavam símbolos associados a divindades

mochicas, como os deuses decapitadores do panteão moche em sua posição em “V”, outros apresentavam traços faciais semelhantes à face de animais, como a de felinos (Museo Larco, c2010b).

Os adornos mais complexos, como o apresentado na Figura 12, são ricos em detalhes, forjados inteiramente em ouro com grandes detalhes em turquesa. A pedra é utilizada para destacar ornamentos e elementos do vestuário da figura que forma a peça (NGA, 2014e).

Figura 12: Ornamento de nariz em ouro e turquesas



Ornamento em ouro e turquesas da cultura moche. Fonte: Museo Larco (c2010b).

A figura presente na peça possivelmente é Ai Apaec, deus da decapitação humana, que aparece no ornamento com os braços estendidos em forma de “V”, forma associada a esses rituais. Entre os braços da figura aparece uma corrente com pequenos sinos, pendurados por toda sua extensão, que emitiam sons com o movimento do portador; esses sinos também podem simbolizar cabeças (NGA, 2014e).

O adorno mais simples (figura 13) foi feito a partir de uma técnica diferente e é composto por um disco semicircular feito em ouro, cujos únicos elementos decorativos são dois fios que saem da parte superior do disco em ambos os lados do nariz do portados como bigodes de um felino. Esses fios teriam sido utilizados para ligar a peça à face do portador (NGA, 2014f).

Figura 13: Ornamento de nariz em ouro



Fonte: NGA (2014f).

Muitas vezes esses ornamentos carregavam símbolos que representavam os animais marinhos

de Moche, como caranguejos, lagosta, camarões, entre outros crustáceos. Este adereço (Figura 14) carrega dois camarões, um em cada uma de suas extremidades. Além da representação do mar de Moche, o adorno também está carregado de simbologia na forma como apresenta os dois metais utilizados em sua confecção, a prata e o ouro, frequentemente utilizados para representar os aspectos dualistas do universo, com grande significado religioso (NGA, 2014g).

Figura 14: Ornamento de nariz em ouro e prata



Fonte: NGA (2014g).

Chakana

Dentro da cultura andina, o Pacha (universo) tem grande importância, sendo visto como fator que une todos como sendo uma só família, vivendo sob o mesmo teto (Dillenburg, 2015). Para esses povos, o universo é dividido em diversas seções, cada uma delas repleta de significados. Uma dessas divisões se dá no sentido vertical, representando a metade macho e a metade fêmea, outra no sentido horizontal representando a divisão dos seres celestiais, seres terrestres e seres subterrâneos. O ser humano é intermediário das dualidades e responsável pela continuidade da vida. O encontro dessas divisões é conhecido como Chakana, uma ponte cósmica presente em diversas ocasiões religiosas na cultura inca (Dillenburg, 2015).

A Chakana, ou cruz andina, seria capaz de conectar as diversas partes do universo através de suas divisões, que representam a dualidade sempre presente no universo, mostrando também o constante confronto entre a mesma, resultando em uma contínua transição presente na vida em geral (Dillenburg, 2015). Segundo o autor, é considerado o símbolo mais completo da cosmologia andina, definindo aspectos filosóficos, culturais, religiosos e científicos, por estar presente em rituais, e auxiliar tanto em relação a agricultura quanto em aspectos matemáticos dentro desta cultura.

Muito presente na civilização inca, e provavelmente muito utilizada principalmente em ocasiões sagradas, foi encontrada em construções, decoração e cerâmicas, tanto em formas mais simplificadas (Figura 15) quanto em objetos mais elaborados (Dillenburg, 2015; Timmer, 2003).

Figura 15: Chakana Inca



Representação mais simples da Chakana. Fonte: Museo Larco (c2010f).

6 Conclusão

Por meio de estudo das culturas pré-incaicas que influenciaram a civilização inca, e acesso a artefatos desta última, é possível perceber o quão rica era por meio de seus adornos e objetos. Em sua maioria, seus ornamentos eram voltados às questões religiosas e à posição social. Os materiais e formas variáveis utilizadas em cada peça tinham aspecto simbólico específico à quem a utilizaria, tornando cada uma delas única e carregada de significados.

Os ornamentos feitos em ouro representavam a eternidade imutável do metal, assim como a eternidade do deus Sol. Sua utilização em ornamentos e objetos era sempre relacionada ao poder desse, sendo assim, eram utilizadas apenas pela elite, demonstrando poder social e religioso. Esse poder representado pelo ouro se dava por sua beleza, principalmente quando o mesmo refletia a luz do sol, causando grande admiração, fazendo-se acreditar em seu poder divino.

Além dos adornos feitos em ouro, havia também os feitos em combinações de ouro e prata. Esses buscavam passar a dualidade do universo, como masculino e feminino, sol e lua, dia e noite, direita e esquerda, não como uma hierarquia, mas como elementos complementares necessários à vida. A figura 16 apresenta os principais significados dos materiais ouro e prata.

Figura 16: Significado dos materiais Ouro e Prata



Fonte própria.

Entre os adornos encontrados durante a pesquisa, os que mais chamaram atenção devido ao seu valor simbólico são os *orejones* (alargadores de orelha), os ornamentos de nariz e a Chakana (cruz andina). Estes são os ornamentos encontrados com grande significado.

Os *orejones* eram utilizados pelos guerreiros do império, sendo adquiridos durante o rito *warachikuy*, que marcava a passagem dos jovens a vida adulta. Estes ornamentos possuíam imagens de representações divinas ou características locais, e seu tamanho indicava o grau de importância de seu usuário, uma forma de demonstrar sua posição na sociedade. Aparentemente havia uma certa distinção de gênero em relação ao uso dos *orejones*, embora não tenha sido encontrado materiais que tratassem destas questões.

Os ornamentos de nariz eram utilizados por membros da elite e principalmente por líderes religiosos, podendo ser eles homens ou mulheres. Os mesmos eram utilizados como forma de demonstrar posição social, e muitas vezes como adorno religioso, pois acreditava-se que quando utilizados podiam conceder poderes sobrenaturais. Estes podiam possuir formas mais simples ou elaboradas, carregando símbolos associados a deuses ou traços semelhante à face de animais.

Para toda a cultura andina, o universo possui grande importância, sendo dividido em diversas seções cheias de significados. As principais divisões se dão no sentido vertical, representando a metade macho e a metade fêmea, e no sentido horizontal representando a divisão dos seres celestiais, seres terrestres e seres subterrâneos. O encontro dessas divisões é considerado uma ponte cósmica, chamada de Chakana. Este símbolo está presente em diversos locais e cerimônias religiosas e é um dos mais carregados de significados, considerado capaz de conectar as diversas partes do universo. Suas divisões representam a dualidade presente no universo e o confronto entre elas, resultando na constante mudança presente na vida em geral. A tabela 2 apresenta uma síntese do conteúdo abordado nesta pesquisa.

Tabela 2: Principais adornos e seus significados

Braceletes	Orejones	Ornamentos de nariz	Chakana
			
Fonte: NGA (2014d)	Fonte: Museo Larco (c2010c)	Fonte: NGA (2014f)	Fonte: Museo Larco (c2010f)
<ul style="list-style-type: none"> • Símbolo de destaque social • Poder associado ao sol 	<ul style="list-style-type: none"> • Destinado aos jovens guerreiros do império • Quanto maior, mas importante a posição social 	<ul style="list-style-type: none"> • Destinado a membros da elite e líderes religiosos (homem ou mulher) • O usuário acreditava receber poderes sobrenaturais 	<ul style="list-style-type: none"> • Representa dualidade e confronto entre sol e lua • Utilizado em cerimônias religiosas • Símbolo capaz e conectar as diversas partes do universo

Fonte própria.

Este trabalho trouxe um compilado dos principais elementos da cultura inca, com toda sua riqueza de detalhes e aplicações, sobretudo relacionados aos aspectos simbólicos de seus adornos, porém são necessárias mais pesquisas no intuito de diminuir as inconsistências e divergências provenientes das literaturas de embasamento.

Agradecimento

À Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná – FAPPR pelo aporte financeiro.

Referências

- AGURTO CALVO, Santiago (1980). Cusco: la traza urbana de la Ciudad Inca. UNESCO e Instituto Nacional de Cultura del Perú (INC). Disponível em: cybertesis.uni.edu.pe/handle/uni/1180. Acesso em 29 abr. 2019.
- ARANGO, Antonio Jaramillo (2017). Comuni  n e interexistencia. El *Spondylus* spp. en la Costa Norte del Perú durante el Intermedio Tard  o (800-1450 d.C). Ant  poda Revista de Antropología y Arqueología, v. 28, p. 77-97. DOI: [dx.doi.org/10.7440/antipoda28.2017.04](https://doi.org/10.7440/antipoda28.2017.04).
- AZEVEDO, Gislaiane Campos & SERIACOPI, Reinaldo (2005). História: volume único. 1   ed. São Paulo:   tica.
- BARCELOS, Artur H. F. (1997). A representa  o iconográfica da mitologia no Peru pr  -incaico: ruptura e continuidade. Estudos Ibero-Americanos, v. 23, n. 2, p. 157-194. DOI: [dx.doi.org/10.15448/1980-864X.1997.2.28281](https://doi.org/10.15448/1980-864X.1997.2.28281)
- CAMPOS, Flávio de & CLARO, Regina (2013). Oficina de História. 1.ed. São Paulo: Leya.
- CERR  N-PALOMINO, Rodolfo (2013). Cuando los mitos tienen un fondo de historicidad: el origen lacustre de los Incas primordiales. Revista Brasileira de Ling  stica Antropológica, v. 5, n. 1.
- COVEY, R. Alan (2003). A processual study of Inka state formation. Journal of Anthropological Archaeology, v. 22, n. 4, p. 333–357.
- CHIN, R. (2010). Chakana design architecture. 1 fotografia color. Disponível em:

<<http://hubpages.com/education/Chakana>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

DILLENBURG, Scheila (2015). A religiosidade e a Espiritualidade presente na cosmovisão andina - uma ponte necessária para compreender o bem viver. Tear Online, v. 4, n. 2, São Leopoldo, pp. 87-94.

DIXON, Christine (2014). NGA – National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Inca Culture: Female figure (1400-1533 d.C.). Ministerio de Cultura del Perú: Museo Nacional de Arqueología, Antropología e Historia del Perú. Disponível em: nga.gov.au/exhibition/incas/default.cfm?IRN=236006&MnuID=3&ViewID=2. Acesso em: 24 nov. 2016.

FAULBAUM, Felipe Vargas (2011). Ofrenda Ritual de Estatuillas de *Spondylus* en la ceremonia Inca de la Qhapaq-Qocha. Inka Llaqta, v. 1, p. 183.

FAVRE, Henri (1987). A Civilização Inca. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 106 p.

FIGUEIREDO, Marcio Luís Baúso de (2014). Política e religião no Tahuantinsuyu Inca: evidências das relações centro x periferia de Cusco na cerâmica arqueológica da Costa Norte peruana. 198 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GALÁN-RODAS, E.; LABERIANO FERNÁNDEZ, C. & MAGUINA VARGAS, C. (2012). Historia del Tumi: Símbolo de la Medicina Peruana y del Colegio Médico del Perú. Acta méd. peruana (online), v. 29, n. 1, p. 56-58.

GARCILASO DE LA VEGA, El Inca (1609). Comentarios Reales de los Incas. Lisboa: Oficina de Pedro Crasbeeck.

GEMAS, Artouro & (2015). Conheça os 10 principais tipos de pedras preciosas. Disponível em: <<http://blog.artouro.com.br/conheca-os-10-principais-tipos-de-pedras-preciosas/>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

HORZ, Gerhard & KALLFASS, Monika (1998). Pre-Columbian metalworking in Peru - ornamental and ceremonial objects from the Royal Tombs of Sipan. JOM, v. 50, ed. 12.

MALPASS, Michael A. (2009). Daily life in the Inca Empire. Second Edition. Connecticut: The Greenwood Press.

MARANGON, Rosa Maria (2007). Mitos Ameríndios - Das Primeiras Civilizações à América Espanhola. Portal Defesa UFJF, Juiz de Fora.

MODP – Museo Oro del Perú (c2018a). Lima (Peru). Cuchillo Tumi de oro con representación antropomorfa sobre pedestal y tocado en media luna. Cultura Lambayeque. 1 fotografia color. Disponível em: museoroperu.com.pe/museo-oro-del-peru. Acesso em: 29 abr. 2019.

MODP – Museo Oro del Perú (c2018d). Lima (Peru). Figura antropomorfa masculina y femenina de oro. Cultura Inca. 1 fotografia color. Disponível em: museoroperu.com.pe/museo-oro-del-peru. Acesso em: 29 abr. 2019.

MODP – Museo Oro del Perú (c2018b). Lima (Peru). Máscara de oro con lágrimas de esmeralda. Cultura Lambayeque. 1 fotografia color. Disponível em: museoroperu.com.pe/museo-oro-del-peru. Acesso em: 29 abr. 2019.

MODP – Museo Oro del Perú (c2018c). Lima (Peru). Representación de pequeña llama en oro. Cultura Inca. 1 fotografia color. Disponível em: museoroperu.com.pe/museo-oro-del-peru. Acesso em: 29 abr. 2019.

MUSEO LARCO (c2010a). Catálogo em Linha. Cultura Mochica. Nariguera bimetálica de oro y

plata con diseños geométricos de círculos.. Disponível em:
<https://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=9413>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MUSEO LARCO (c2010b). Catálogo em Linha. Cultura Mochica. Nariguera de oro y turquesa o malaquita o crisocola representando personaje con tocado de media luna y cabezas de porra, orejeras circulares y taparrabo, sosteniendo sonaja. Disponível em:
<https://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=9165>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MUSEO LARCO (c2010c). Catálogo em Linha. Cultura Mochica. Orejera de oro, concha y piedra. Disponível em: <https://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=9197>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MUSEO LARCO (c2010d). Catálogo em Linha. Cultura Mochica. Orejera: Combate entre seres sobrenaturales antropomorfos zoomorfos. Disponível em:
<https://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=9396>. Acesso em: 29 abr. 2019.

MUSEO LARCO (c2010e). Catálogo em Linha. Pectoral compuesto por siete paneles trapezoidales de cuentas de turquesa o malaquita o crisocola. Cupisnique, Época Formativa (1250 a.C. – 1 d.C.). Disponível em: <https://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=8596>. 29 abr. 2019.

MUSEO LARCO (c2010f) Catálogo em Linha. Placa Metálica (Chakana). Chimú. Disponível em: <https://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=9411>. 29 abr. 2019.

NATIONAL GEOGRAPHIC (2011). Magazine. The lofty ambitions of the Inca. Rising from obscurity to the heights of power, a succession of Andean rulers subdued kingdoms, sculpted mountains, and forged a mighty empire. Por Heather Pringle. Fotografias de Robert Clark. Disponível em: www.nationalgeographic.com/magazine/2011/04/inca-empire Acesso em: 15 ago. 2019.

NGA (2014a). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Inca Culture: Female figure (1400-1533 d.C.). Ministerio de Cultura del Perú: Museo Nacional de Arqueología, Antropología e Historia del Perú. Fotografia de Daniel Giannoni. 1 fotografia color. Disponível em: nga.gov.au/exhibition/incas/default.cfm?IRN=236006&MnuID=3&ViewID=2. Acesso em: 24 nov. 2016.

NGA (2014b). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Inca Culture: Llama (1400-1533 d.C.). Disponível em:
<<http://nga.gov.au/exhibition/INCAS/Default.cfm?IRN=227633&MnuID=3&ViewID=2>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

NGA (2014c). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Moche Culture: Pair of ear ornaments (100-800 d.C.). Disponível em:
<<http://nga.gov.au/exhibition/INCAS/Default.cfm?IRN=227633&MnuID=3&ViewID=2>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

NGA (2014d). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Inca Culture: Set of bracelets (1400-1533 d.C.). 1 fotografia color. Disponível em:
<<http://nga.gov.au/exhibition/INCAS/Default.cfm?IRN=227633&MnuID=3&ViewID=2>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

NGA (2014e). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Moche Culture: Nose ornament in gold and turquoise (100-800 d.C.). Disponível em:
<http://nga.gov.au/exhibition/INCAS/Default.cfm?IRN=231310&MnuID=3&ViewID=2>. Acesso em: 1 dez. 2016.

NGA (2014f). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Moche Culture: Nose ornament in gold (100-800 d.C.). Disponível em:
<https://nga.gov.au/exhibition/incas/default.cfm?IRN=227384&BioArtistIRN=91411&mystartrow=>

37&realstartrow=37&MnuID=SRCH&ViewID=2. Acesso em: 1 dez. 2016.

NGA (2014g). National Gallery Of Australia. Gold and the Incas: Lost Worlds of Peru. Moche Culture: Nose ornament in gold and silver (100-800 d.C.). Disponível em: <https://nga.gov.au/exhibition/incas/default.cfm?IRN=236140&BioArtistIRN=91411&mystartrow=37&realstartrow=37&MnuID=SRCH&ViewID=2>. Acesso em: 1 dez. 2016.

OGBURN, Dennis (2004). Power in Stone: The Long-Distance Movement of Building Blocks in the Inca Empire. *Ethnohistory*, v. 51, n. 1.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de (2006). Por uma história do possível: o feminino e o sagrado nos discursos dos cronistas e na historiografia sobre o Império Inca. Tese (Doutorado), Pós-graduação em História, Universidade de Brasília.

PEREIRA JUNIOR, F. A. ; SILVA, J. J. B. & JALES, E. D. (2015). O quipu: a engenhosa e eficaz invenção inca. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, 11., Natal-RN. Anais... Natal: UFRN, 2015.

REGERT, Rodrigo.; BAADE, J. H.; RIBEIRO, A. P. & ZIEDE, M. K. L. (2016). As civilizações Pré-Colombianas no Continente Americano. *Revista da Unifebe*, v. 1, n.18, p. 13-20.

ROBINSON, David J. (1989). A linguagem e o significado de um lugar na América Latina. *Revista de História*, n. 121, p. 67-110. doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i121p67-110

ROSTWOROWSKI, María (1988). *La mujer em la época prehispanica*. 3a. ed. Peru: IEP ediciones.

SASS, Roselis von (1999). *A verdade sobre os Incas*. 8. ed. São Paulo: Ordem do Graal na Terra.

SKODA, Sonia Maria de Oliveira Gonçalves (2012). *Evolução da Arte da Joalheria e a Tendência de Joia Contemporânea Brasileira*. 2012. 230f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo.

TIMMER, Hilvert (2003). *La Chakana*. De Kosmos fluistert zijn Namen. Disponível em: http://chakana.org/files/pub/La_Chakana.pdf. Acesso em: 18 nov. 2016.

TURNER, Bethany L.; KLAUS, Haagen D.; LIVENGGOOD, Sarah V.; BROWN, Leslie E.; SALDAÑA, Fausto & WESTER, Carlos (2013). The variable roads to sacrifice: Isotopic investigations of human remains from Chotuna-Huaca de los Sacrificios, Lambayeque, Peru. *American Journal of Physical Anthropology*, v. 151, p. 22-37. doi.org/10.1002/ajpa.22238

ZORI, Collen; TROPPER, Peter & SCOTT, David (2013). Copper production in late prehispanic northern Chile. *Journal of Archaeological Science*, v. 40, n. 2, p. 1165-1175. DOI: doi.org/10.1016/j.jas.2012.09.012